



Ocupações exercidas por adolescentes e sua relação com a participação escolar*

Occupations performed by adolescents and their relationship with school participation

Ocupaciones ejercidas por adolescentes y su relación con la participación escolar

Marina Pereira Rezende¹, Maria Aparecida Tedeschi Cano², Maria Yvone Chaves Mauro³, Denize Cristina de Oliveira⁴, Maria Helena Palucci Marziale⁵, Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi⁶

RESUMO

Objetivos: Identificar as ocupações exercidas por adolescentes participantes de um programa social de atendimento para jovens e avaliar sua inserção na escola, após a entrada no mundo do trabalho. **Métodos:** Estudo descritivo, quantitativo, realizado junto a um programa de apoio e atendimento aos jovens, por meio do qual 437 jovens trabalhadores foram entrevistados. **Resultados:** A maioria era do gênero masculino (54%), com média de idade de 16 anos, cursando o ensino médio; trabalhavam como *office boys* (36,4%), auxiliares administrativos (25,4%), recepcionistas (16,0%) e no estacionamento rotativo (12,6%). Atraso escolar foi constatado em 95,8% dos indivíduos, indicando descompasso entre a série cursada e a idade cronológica; entretanto, o desempenho na escola pareceu não ter sido prejudicado pelo trabalho. **Conclusão:** Deve-se ter cautela ao introduzir o adolescente no mercado de trabalho, pois aspectos como cansaço, falta de tempo para estudar, entre outros, podem ter implicações nas atividades escolares.

Descritores: Trabalho de menores; Adolescente; Educação; Trabalhadores; Trabalho

ABSTRACT

Objectives: To identify the occupations performed by teens participating in a social service program for youth and to evaluate their integration in school, after entering the world of work. **Methods:** A descriptive, quantitative study, conducted together with a program of support and care for young people, by means of which 437 young workers were interviewed. **Results:** The majority were male (54%), with a mean age of 16 years, attending high school, working as office boys (36.4%), administrative assistants (25.4%), receptionists (16, 0%) and parking lot attendants (12.6%). An educational delay was found in 95.8% of these individuals, indicating a disconnect between their completed educational grade and their chronological age; however, performance in school seemed not to have been harmed by work. **Conclusion:** One should be cautious when introducing the adolescent into the labor market, because aspects such as fatigue, lack of time to study, among others, may have implications on the school activities.

Keywords: Child labor; Adolescent; Education; Workers; Work

RESUMEN

Resumo: Objetivos: Identificar las ocupaciones ejercidas por adolescentes participantes de un programa social de atención para jóvenes y evaluar su inserción en la escuela, después de la entrada en el mundo del trabajo. **Métodos:** Estudio descriptivo, cuantitativo, realizado junto a un programa de apoyo y atención a los jóvenes, por medio del cual fueron entrevistados 437 jóvenes trabajadores. **Resultados:** La mayoría era del género masculino (54%), con un promedio de edad de 16 años, cursando la enseñanza media; trabajaban como *office-boys* (36,4%), auxiliares administrativos (25,4%), recepcionistas (16,0%) y en el estacionamiento rotativo (12,6%). El atraso escolar fue constatado en el 95,8% de los individuos, indicando un descompás entre la serie cursada y la edad cronológica; entre tanto, el desempeño en la escuela pareció no haber sido perjudicado por el trabajo. **Conclusión:** Se debe tener cautela al introducir al adolescente en el mercado de trabajo, pues aspectos como el cansancio, falta de tiempo para estudiar, entre otros, pueden ocasionar implicaciones en las actividades escolares. (porcentajes con apenas un decimal).

Descritores: Trabajo de menores; Adolescente; Educación; Trabajadores; Trabajo

* A coleta de dados do estudo ocorreu na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A orientação do estudo aconteceu na EERP-USP.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba (MG), Brasil.

² Professor Associado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto (SP), Brasil.

³ Professor Titular da Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

⁴ Professor Titular da Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

⁵ Professor Titular da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto (SP), Brasil.

⁶ Professor Titular da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto (SP), Brasil.

Autor Correspondente: Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP)

Centro Colaborador da OPS/OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

E-mail: avrmlccr@ceerp.usp.br

Artigo recebido em 02/08/2011 e aprovado em 12/04/2012

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade consciente do homem; executando-o, ele domina e transforma o meio ambiente, dando-lhe a forma que existia inicialmente em sua imaginação⁽¹⁾. Trabalhar é uma forma de manter-se relacionado com o mundo social, além de auxiliar na constituição da identidade. Mas, se exercido em condições desumanas, insalubres ou por pessoa desqualificada, o trabalho poderá favorecer adoecimentos e acidentes de trabalho⁽²⁾.

A inclusão de crianças e adolescentes em atividades laborativas remonta ao início do próprio trabalho, quando o homem dependia da agricultura para subsistência⁽³⁾. No Brasil, no século XVI, em troca de quinilharias distribuídas pelos portugueses, crianças indígenas ajudaram adultos a extrair o pau-brasil e a erguer as primeiras vilas⁽⁴⁾; na época da escravidão, crianças auxiliavam seus pais escravizados na realização do trabalho.

Nos dias de hoje, a situação socioeconômica de numerosas famílias favorece ou é fator determinante da entrada desses jovens no mercado de trabalho, no sentido de garantir seu próprio sustento ou para complementar a renda familiar^(5,6). Essa inserção é polêmica. Trabalhar, por um lado, pode ser um meio de prevenção da delinquência social em meios urbanos, além de cumprir um papel importante no desenvolvimento da autoestima e da construção simbólica das perspectivas de futuro entre jovens, atuando também no desenvolvimento de sua identidade⁽⁶⁾. Por outro lado, a adolescência, situada entre a infância e a maturidade e caracterizada por intensas modificações de ordem fisiológica, mental e social, é uma etapa em que o jovem experimenta sensações e experiências antes desconhecidas⁽⁷⁾; por isso, é fase de vulnerabilidade aos diversos fatores, incluindo-se os econômicos, que levam os jovens a trabalhar.

Realizado precocemente, o trabalho pode rivalizar com a educação e interferir no processo de aquisição de competências básicas exigidas pelo mundo contemporâneo⁽⁸⁾, além de competir com as atividades de lazer e convivência familiar e social⁽⁹⁾. No Brasil, o adolescente pode trabalhar na condição de aprendiz, decorrente de um contrato de trabalho por tempo determinado, conforme o artigo 428, da Consolidação das Leis do Trabalho, a qual se vinculam os programas de aprendizagem⁽¹⁰⁾. Menor é considerado o trabalhador de 14 a 18 anos; está proibido de efetuar qualquer trabalho com idade inferior a 16 anos, salvo como aprendiz, a partir dos 14 anos. Este trabalho não poderá acontecer em locais prejudiciais à sua formação e desenvolvimento físico ou em horários que o impeçam sua frequência à escola⁽¹¹⁾.

Apesar da legislação, crianças e adolescentes trabalham, na maioria das vezes, em empregos informais, sem direitos trabalhistas, expondo-se aos acidentes e adoecendo. Por outro lado, o trabalho de aprendiz pode permitir sua aproximação com o mercado laboral em condições que respeitem suas necessidades e particularidades de

desenvolvimento, além de auxiliar na qualificação profissional e amadurecimento pessoal.

Este texto aborda a temática do trabalho realizado por adolescentes, ao qual são associadas razões como a pobreza, a necessidade do jovem colaborar com os pais em atividades econômicas realizadas no domicílio, o desejo familiar de que ele se mantenha ocupado, a vontade dele ganhar a vida por si mesmo, aliado à consideração de que é melhor trabalhar do que ficar ocioso^(6,12,13), entre outros argumentos.

Pretendendo contribuir para incrementar a discussão sobre o trabalho realizado por crianças e adolescentes e sua participação escolar, o estudo objetivou identificar as ocupações exercidas por adolescentes participantes de um programa social de atendimento direcionado aos jovens e avaliar sua inserção na escola, após a entrada no mundo do trabalho.

MÉTODOS

Estudo descritivo, quantitativo, realizado em uma Organização de Apoio e Atendimento aos Jovens (OAAJ) de Uberaba, Minas Gerais, que forma, orienta, educa e profissionaliza adolescentes em situação de risco de qualquer natureza. Por seu intermédio, os jovens são inseridos no mercado laboral em empresas parceiras; a participação na escola é um pré-requisito, para que eles permaneçam na Organização; não podem repetir o ano escolar e é-lhes exigida a apresentação de frequência⁽¹⁴⁾. A exemplo de outras organizações do gênero, a OAAJ objetiva promover a qualificação profissional e empregar os jovens em instituições conveniadas, com registro profissional⁽⁵⁾.

Na ocasião da coleta de dados, havia 497 adolescentes cadastrados na organização. Para a seleção dos participantes da pesquisa, foram utilizados os seguintes critérios: os adolescentes, bem como seus pais ou responsáveis deveriam concordar com a entrevista a ser realizada e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; os jovens deveriam estar presentes nos cursos de aprendizado profissional oferecidos pela OAAJ no período da coleta de dados ou, se não estivessem, deveriam aceitar ser entrevistados em suas casas. Foram excluídos aqueles cujos domicílios foram visitados mais de três vezes e não foram encontrados, os que se recusaram a participar da investigação, e os que não foram autorizados a esta participação por seus pais ou responsáveis. Obedecidos tais critérios, obteve-se que dos cadastrados, 3,8% (19) não possuíam mais vinculação; 5,0% (25) não foram encontrados; 2,8% (14) recusaram-se a participar e 0,4% (2) não foram autorizados por seus pais/responsáveis. Constituíram-se sujeitos 437 jovens, 87,9% do universo estudado.

Os dados foram coletados entre abril e outubro de 2007, na expressiva maioria das vezes na sede da OAAJ. Utilizou-se um questionário, com perguntas relacionadas às características sociodemográficas dos sujeitos, às atividades executadas nas empresas, bem como a sua participação na escola após o início das atividades laborais. O aproveita-

mento escolar foi avaliado por meio da pergunta: como tem sido sua participação na escola, desde que começou a trabalhar (notas, frequência, aprendizado)? O questionário foi previamente avaliado por cinco especialistas em saúde do trabalhador, que opinaram quanto ao conteúdo e clareza, semântica, lógica e objetividade, efetuando sugestões aceitas pelos autores. Após, foi realizado um pré-teste com cinco adolescentes (escolares trabalhadores, mas, desvinculados na Organização), tendo sido considerado compreensível e claro para ser respondido.

O projeto de pesquisa foi apreciado e aprovado pela Organização (Ofício nº 0328/05) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, recebendo o número de protocolo 702.

Para o tratamento estatístico das informações, foi criado um banco de dados no programa *Excel*, posteriormente, exportado para o software *EPI-INFO 6.0*, possibilitando a realização de análises univariadas das duas variáveis em estudo (*ocupação exercida pelos adolescentes e participação na escola, após a inserção no trabalho*). As atividades de trabalho foram codificadas pela Classificação Brasileira de Ocupações⁽¹⁵⁾; considerou-se atividade a ação ou trabalho específico desempenhado⁽⁴⁾, como ocupação a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas⁽¹⁵⁾.

RESULTADOS

Os 437 adolescentes trabalhadores eram predominantemente do gênero masculino (54%), com idade entre 14 e 18 anos; cursavam o Ensino Fundamental (86,1%) e o Médio (13,7%). Dos 48 inseridos na 8ª série, 95,8% tinham idades de 15 anos ou mais; apenas dois apresentavam idade adequada (14 anos) de encerramento do Ensino Fundamental. Quanto à *ocupação exercida pelos adolescentes*, os resultados estão demonstrados nos dados da Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Distribuição dos adolescentes segundo as ocupações exercidas conforme Classificação Brasileira de Ocupações. Uberaba, MG, 2008. (n= 437)

Ocupações	f	(%)
Contínuo (CBO 4122)	159	36,38
Auxiliar administrativo (CBO 4110)	111	25,40
Recepcionista (CBO 4221)	70	16,02
Trabalhador do setor de Estacionamento Rotativo	55	12,59
Operador do comércio em lojas e mercados (CBO 5211)	23	5,26
Ajudante geral	5	1,14
Mecânico de manutenção de veículos automotores (CBO 9144)	3	0,69
Não realiza atividade	2	0,46
Editor (CBO 2616)	1	0,23
Sem resposta	5	1,14
Outras*	3	0,69
Total	437	100

*Outras: respostas imprecisas do tipo “andar, correr e pensar”

Os dados sobre a *participação na escola após a inserção no trabalho* estão apresentados na sequência.

Tabela 2 – Distribuição dos adolescentes segundo a participação na escola após a inserção no trabalho Uberaba, MG, 2008. (n= 437)

Ocupações	f	(%)
Melhorou	209	47,83
Sem alterações	185	42,33
Piorou	36	08,24
Não sabe definir	03	0,068
Sem resposta	04	00,92
Total	437	100

Legenda: Melhorou (melhorou; muito bom; mais responsabilidade; notas altas e boas; frequência igual ou aumentada; aprendizado excelente ou igual ou melhor; progresso no aprendizado; nunca faltou); sem alterações (continua igual); piorou (piorou; rendimento escolar diminuiu; notas na média ou diminuída ou abaixo da média; frequência e aprendizado lento ou em andamento; cansativo; no início faltava muito); não sabe definir (tem se esforçado; um pouco de cada melhorou/piorou).

DISCUSSÃO

A predominância do gênero masculino entre adolescentes que trabalham também foi encontrada em outras investigações^(2,12-13,16-18), comprovando-se que é o homem quem mais, prematuramente, inicia-se no mundo laboral formal. A variação da idade entre 14 e 18 anos está em consonância com outros estudos^(5,12-13) e com as normatizações sobre o desenvolvimento de atividades, como menor aprendiz⁽¹⁰⁻¹¹⁾.

Houve a existência concreta de defasagem escolar em 95,8% dos indivíduos que se encontravam na 8ª série, representando mais de um ano de atraso, indicando o descompasso entre a série cursada e a idade cronológica, relacionado a razões possivelmente prévias ao trabalho, ou mesmo associadas a ele, em período anterior à vinculação a OAAJ. Tais resultados coincidiram com investigação sobre o trabalho de jovens estudantes de uma escola pública do Estado de São Paulo, que também evidenciou a defasagem escolar entre os entrevistados⁽¹⁸⁾ e com estudo realizado com aprendizes em uma cidade interiorana de São Paulo, em que a maioria cursava o Ensino Médio (74,4%), 25,6%, o Fundamental e dos 117 entrevistados, 27 estavam “atrasados” em relação à série que deveriam estar cursando⁽⁵⁾.

Os motivos mais relatados sobre o atraso escolar que costumam apresentar associação com o trabalho são: a competição que se estabelece entre as atividades laborativas e as escolares; o menor tempo utilizado para realizar as tarefas da escola, impedindo o estudante-trabalhador de se dedicar com mais afinco aos estudos dentro e fora

do período escolar; as deficiências de sono que interferem na atenção e concentração durante as aulas, reduzindo o desempenho; as consequências físicas derivadas do trabalho, como cansaço, dificuldade de concentração ou os impedimentos ao cumprimento da rotina da escola, representados por atrasos, faltas, entre outros ⁽²⁾. Tais achados coincidiram com investigação que, objetivando identificar as repercussões do trabalho no aproveitamento escolar de crianças e adolescentes, mostrou a existência de associação desse tipo de aproveitamento com o trabalho realizado fora de casa; as chances dos que trabalhavam fora de casa de repetirem o ano escolar foram 260% maiores do que daqueles que não realizavam tal trabalho ($p=0,000$). Quanto mais crianças e adolescentes inserem-se no mundo do trabalho, maior será a possibilidade de apresentarem aproveitamento escolar insatisfatório e abandonarem os estudos ⁽¹³⁾.

Em relação às ocupações dos entrevistados, predominaram as de caráter administrativo (61,8%). Na de *contínuo* (36,4%), há necessidade de transporte de correspondências, documentos, objetos e valores, dentro e fora das instituições e de serem efetuados serviços bancários e de correio; de auxílio na secretaria e nos serviços de copa, entre outras ⁽¹⁵⁾. Além de tais atividades, os adolescentes operavam aparelhos de fax e faziam digitação de documentos. Análise documental de 56 prontuários de atendimento médico, investigou AT entre crianças e adolescentes, encontrando que 18% dos acidentados eram *office boys* (ou contínuos), além de atendentes de restaurante, aprendizes de ferramenteiro, faxineiros, entre outras ⁽¹⁷⁾.

Auxiliar administrativo (25,4%) é uma ocupação que abrange escriturários, agentes, assistentes e auxiliares administrativos; este trabalhador executa serviços de apoio nas áreas de recursos humanos, administração, finanças e logística; atende fornecedores e clientes; trata de documentos variados; prepara relatórios, entre outros ⁽¹⁵⁾. Neste estudo, estas atividades eram realizadas em escritório.

Na ocupação de recepcionista (16,0%), incluíam-se os que trabalhavam em bancos, hotéis, consultórios, entre outros. Eles recepcionavam e prestavam serviços de apoio aos clientes, pacientes, hóspedes, visitantes e passageiros; prestavam atendimento telefônico e transmitiam informações em escritórios, consultórios, bancos e outros estabelecimentos; observavam normas internas de segurança, conferindo documentos e idoneidade dos clientes e notificando seguranças sobre presenças estranhas; organizavam informações e planejavam o trabalho do cotidiano ⁽¹⁵⁾. Recepcionistas também estavam entre os jovens acidentados em investigação que analisou as causas de AT em prontuários de instituição de saúde ⁽¹⁷⁾.

O setor de estacionamento rotativo da cidade é pago e possui horários de funcionamento nos dias úteis, incluindo-se os sábados pela manhã, com estacionamento livre aos domingos e feriados ⁽¹⁴⁾. Nesta atividade, traba-

lhavam 55 adolescentes (12,6%), em pé, submetidos às intempéries e outras situações de risco no trabalho realizado nas ruas; precisavam estar atentos aos motoristas para orientação e venda do cartão de estacionamento; às vezes, eram constrangidos e recebiam agressões verbais dos que se recusam a comprar o cartão, problemas esses identificados quando se observa este tipo de trabalho.

Poucos (5,3%) trabalhavam no comércio em lojas e mercados; neste grupo, foi encontrado o repositor, que executa atividades de arrumar prateleiras e repor mercadorias. Tais atividades são cansativas, pois, dependendo da quantidade de prateleiras, há necessidade de se realizar movimentos de agachar, levantar, esticar e encolher o corpo e os braços várias vezes, durante o período de trabalho, predispondo o trabalhador às lesões por esforços repetitivos; tal trabalhador também foi encontrado entre jovens estudantes de escola paulista ⁽¹⁸⁾.

O ajudante geral (1,1%), que “faz de tudo” é semelhante ao de serviços gerais ⁽¹⁹⁾, ou seja, realiza um trabalho sem especialidade/especificidade. Foi também encontrado em outros estudos voltados ao trabalho de jovens ^(17,18); investigação que analisou prontuários de pacientes, relacionados aos que haviam sofrido AT evidenciou que 7,1% eram de jovens que realizavam serviços gerais ⁽¹⁷⁾. Ainda foram encontrados adolescentes em outras ocupações (auxiliares de mecânico de automóvel e editor).

As atividades desenvolvidas pelos jovens, em suas diversas ocupações, são aquelas as quais suas qualificações e inexperiência permitem ⁽¹⁶⁾. Neste tipo de inserção no trabalho, não há ascensão ocupacional, o que dificilmente vai lhes propiciar prestígio ou ascensão social. O jovem comporá o mundo do trabalho, mas não retirará dele um aprendizado que lhe permita construir um futuro melhor; possivelmente, irá atuar em atividades cujo ponto terminal será o mesmo do início do trabalho presente ⁽¹²⁾. Investigação realizada com estudantes de escola pública paulista mostrou que os adolescentes exerciam ocupações como pintores, ajudantes de padaria, babás, ajudantes gerais, empacotadores, entre outras, informais, sem proteção social; como seus pais, eles também ocupavam postos de trabalho de baixa remuneração ⁽¹⁸⁾.

A visão ingênua de associar a experiência profissional a uma melhor inserção no mercado de trabalho e a um melhor futuro deve ser desmistificada, no intuito de evitar a saída precoce dos jovens da escola, motivada por essa crença e também de prevenir os agravos à saúde decorrentes da sobrecarga trabalho-estudo ⁽²⁾.

Sabendo-se que a frequência escolar é condição *sine qua non* para a continuidade dos adolescentes na OAAJ ⁽¹⁴⁾, os sujeitos foram questionados sobre sua *participação na escola após o início do trabalho* e, conseqüentemente, depois de sua vinculação ao programa. Os resultados apontaram que esta participação melhorou (47,8%) e não se alterou (42,3%), fazendo supor a existência de uma relação

positiva entre trabalho e desempenho escolar. Trabalhar como aprendiz parece, então, não ter colaborado com a presença de dificuldades escolares, já que apenas 8,2% afirmaram desdobramentos negativos na escola, ou seja, apesar de investigações apontarem que o jovem que trabalha e estuda diminui seu desempenho escolar^(13,20,21).

Este fato não se reverificou no presente estudo, podendo-se levantar a hipótese de que dependendo das condições nas quais o trabalho é executado (menor carga horária, respeito aos horários de aulas, período suficiente de sono, dentre outros) e em conformidade com a legislação vigente, pode não se constituir em obstáculo importante para a escolarização e desempenho escolar do aprendiz, ao contrário, podendo apresentar um efeito positivo sobre a mesma. Explicações para a melhoria da participação escolar incluíram aprender a ter mais interesse nas aulas e exigência e incentivo da OAAJ, dentre outras. Quanto às razões referidas para a piora no desempenho escolar foram: falta de tempo para estudar; piora em algumas disciplinas, desinteresse, perda ou doença de familiar e cansaço. Destaca-se que as explicações para esta piora não são suficientes para o estabelecimento de uma relação direta entre o desempenho/participação escolar e o trabalho exercido, já que comporta também outras variáveis não relacionadas aos efeitos do trabalho.

No entanto, estudos mostram que o trabalho associa-se ao cansaço no fim do dia, à baixa concentração nos estudos, à sonolência durante as aulas, ao menor número de horas de sono, a dores no corpo, entre outros^(2,5-6,8-10,12,13,17,18,20,21). Ou seja, o binômio desgaste/fortalecimento dos jovens parece ter mais sentidos negativos do que positivos⁽¹⁸⁾. Em contextos urbanos de maior pobreza, crianças e adolescentes como trabalhadores mais jovens e mais vulneráveis orgânica e psicologicamente, submetem-se a um maior risco de não completar o ciclo escolar básico, pois a dupla jornada trabalho e estudo demanda maior capacidade de resistência ao esforço^(2,21). Todavia, com a globalização e as novas exigências do mundo do trabalho, trabalha-se hoje por salários irrisórios e os jovens necessitam disputar espaços no concorrido mercado laboral.

CONCLUSÕES

De 437 jovens estudados, a maioria era do gênero masculino, com idade entre 14 e 18 anos e média de 16 anos, cursando o ensino médio. A maioria dos que cursavam o último ano do ensino fundamental apresentou descompasso entre a idade biológica e a série escolar. Trabalhavam prioritariamente como *office boys*, auxiliares

administrativos, recepcionistas e no serviço de estacionamento rotativo da cidade. As atividades realizadas não eram de grande risco, mas, sobretudo a última, expunha os jovens às adversidades existentes nas ruas, incluindo-se atos de constrangimento e agressão. Quanto à participação na escola, a maioria informou melhora, com aumento ou manutenção da frequência e das notas, bem como na aprendizagem. O desempenho escolar parece não ter sido prejudicado pelo trabalho desenvolvido como aprendiz, dando indicativos de que era importante para o incremento e manutenção da renda familiar.

No entanto, é preciso ter cautela ao inserir os adolescentes no trabalho, mesmo como aprendizes, pois aspectos negativos, como cansaço, ausência de tempo para estudar, dentre outros, podem facilitar a evasão escolar. Nesse sentido, empregadores, em parceria com escolas, necessitam buscar meios para adoção de um acompanhamento sistemático dos aprendizes que apresentarem baixo rendimento escolar, pois estando ainda em processo de formação, necessitam de apoio, para que o trabalho não prejudique seu desenvolvimento físico e intelectual e possa se constituir em atividade educativa que possibilite sua inserção social.

A investigação sugere, então, a necessidade de maior atenção às condições concretas nas quais o trabalho do jovem desenvolve-se, de forma a que este possa se constituir em realização de atividades que, de fato, tragam benefícios palpáveis, sem competir com o período escolar e com as demais necessidades, mais que o de apenas receberem pagamentos não condizentes para sua sobrevivência e, por vezes, a de suas famílias.

Os resultados ora encontrados podem ser abrangentes se forem comparados aos demais estudos que apresentam como sujeitos jovens que trabalham e estudam e estão vinculados à instituições oficiais que os apoiam. Entretanto, a generalização dos resultados torna-se prejudicada quando comparada à realidade muito distinta de outros, que não se encontram no mercado formal, tampouco estudam e nem contam com o apoio de organizações que pretendem qualificá-los.

O conhecimento resultante pode se agregar ao já existente sobre o tema, que é complexo, com múltiplas facetas e implica, entre outros aspectos, avaliações objetivas da relação trabalho-estudo-desenvolvimento dos jovens trabalhadores, considerando as condições nas quais o trabalho se realiza, bem como em consideração às expectativas desses trabalhadores, de forma a contribuir para a reorganização de políticas públicas em âmbito governamental.

REFERÊNCIAS

1. Lino D, Pianta F. Saúde e trabalho: conceitos gerais [Internet] [citado 2012 Mar 5]. Disponível em: <http://docs.google.com/fileview?id=0B7bob07vKiecYTM3M2EyN2MtN2M3NC00Y2jilWIxNGQtM2NmY2U1Y2I0NDFm&hl=en>
2. Fischer FM, Oliveira DC, Teixeira LR, Teixeira MC, Amaral MA. [Effects of work on the health of adolescents]. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2003;8(4):973-84.
3. Rocha EG, Freitas VP. A proteção legal do jovem trabalhador. *Rev UFG* [Internet]. 2004 Jun [citado 2009 Dez 23]; 6(1): [cerca de 3p]. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/legal.html
4. Ferreira ES. Trabalho infantil: história e situação atual. Canoas: ULBRA; 2001. 120 p.
5. Pimenta AA, Freitas FC, Marziale MH, Robazzi ML. Impact of working in adolescent health workers. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2011 [cited 2012 Jan 3]; 24(5): [about 6p]. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n5/en_17v24n5.pdf
6. Oliveira DC, Sá CP, Fischer FM, Martins IS, Teixeira LR. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estud Psicol (Natal)*. 2001;6(2):245-58.
7. Bochner R. [Profile of poisonings among Brazilian adolescents from 1999 to 2001]. *Cad Saúde Pública*. 2006; 22(3):587-95. Portuguese.
8. Corrêa LB. Adolescente no trabalho [Internet] [citado 2004 Ago 30]. Disponível em: <http://www.redebrasil.inf.br/0artigos/adolescente.htm>.
9. Oliveira DC, Martins IS, Fischer FM, Sá CP, Gomes AM, Marques SC. Pedagogia, futuro e liberdade: a instituição escolar representada por professores, pais e alunos. *Rev Psicol Teor Prát*. 2004;6(3):31-47.
10. Brasil. Ministério Público do Trabalho. Trabalho infantil [Internet] [citado 2009 Dez 23]. Disponível em: <http://www.prt23.mpt.gov.br/texto/atuacoes.php#infantil>
11. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos. Lei n. 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n° 5.452, de 1° de maio de 1943 [Internet]. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília(DF)*; 2000 Dez 19 [citado 2008 Maio 12] 2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm
12. Oliveira BR, Robazzi ML. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Rev Latinoam Enferm* [Internet]. 2001 [citado 2009 Abr 29];9(3): [about 6p]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf>
13. Silveira RC. Repercussões do trabalho no aproveitamento escolar de crianças e adolescentes: retrato de uma realidade [tese]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2008.
14. Prefeitura Municipal de Uberaba. Atividades diversificadas movimentam Probem [Internet]. 2009 [citado 2009 Dez 2]. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,1827>
15. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. CBO: Classificação Brasileira de Ocupações [Internet]. Brasília (DF): Ministério do Trabalho e Emprego; 2012 [citado 2012 Jan 3]. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>
16. Organização Internacional do Trabalho. O fim do trabalho infantil: um objetivo a nosso alcance. Lisboa: OIT; 2006.
17. Silveira RC, Robazzi ML. Acidentes de trabalho entre crianças e adolescentes atendidos pelo setor público de saúde, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Ciênc Enferm*. 2003;9(2):43-55.
18. Lachtim SA, Soares CB. [Work of Young students of a public school: strengthening or weakening?] *Rev Bras Enferm*. 2009; 62(2):179-86. Portuguese.
19. Silveira CA, Robazzi ML, Marziale MH. Registros hospitalares sobre acidentes de trabalho entre trabalhadores de serviços gerais. *Rev Enferm UERJ*. 2003;11(3):261-7.
20. Fischer FM, Martins IS, Oliveira DC, Teixeira LR, Latorre MR, Cooper SP. Occupational accidents among middle and high school students of the state of São Paulo, Brazil. *Rev Saúde Pública*. 2003;37(3):351-6.
21. Facchini LA, Fassa AG, Dall’agnol MM, Maia MF. [Child labor in Pelotas: occupational characteristics and contribution to the economy]. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2003; 8(4):953-61. Portuguese.